



RELATO

TÍTULO: LITERACIAS PARA O ENSINO DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL JORNALÍSTICA NA ERA DA CONVERGÊNCIA DIGITAL

Egle Müller Spinelli; egle.spinelli@espm.br

RESUMO

O ensino da produção jornalística audiovisual precisa acompanhar as mudanças impactadas pelas tecnologias digitais, as quais incidem sobre as rotinas de produção e o perfil dos jornalistas. Este relato tem como objetivo trazer discussões sobre os desafios enfrentados pelos docentes e discentes no ensino e aprendizagem da teoria e prática do jornalismo audiovisual em tempos de convergência digital. Anteriormente, tanto no mercado como na academia, as rotinas de produção e as competências dos jornalistas que trabalhavam com audiovisual apresentavam um campo formatado e pré-definido por padrões estabelecidos por um único meio que era a televisão. Com a entrada da internet e, principalmente pelo desenvolvimento tecnológico dos dispositivos móveis, os chamados smartphones, os estudantes de jornalismo precisam estar preparados para atuar com consciência crítica e com uma produção audiovisual cada vez mais heterogênea e conectada com as novas práticas demandadas pelo ambiente e sociedade digital.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo audiovisual; telejornalismo; convergência digital; rotinas de produção; perfil dos jornalistas.

INTRODUÇÃO

A produção jornalística audiovisual vem passando por profundas transformações que demandam atualizações nas rotinas de produção, nas competências do perfil jornalístico e nas formas de se relacionar com a audiência. Os pesquisadores Fábio Henrique Pereira e Zélia Leal Adghirni (2011), abordam estas três mudanças como processos que alteram condições estruturais no jornalismo, as quais transformam um modelo pré-definido de





produção das notícias, no qual o telejornalismo se baseou durante anos. A padronização de uma rotina de produção e exibição nos telejornais ainda é, em muitas emissoras de televisão tradicionais no Brasil e no mundo, fruto de um planejamento industrial de realização jornalística que preza por uma organização sistemática do trabalho representada pela divisão de funções, etapas de produção da notícia e instauração de formatos e gêneros predominantes. Porém, Villela (2008, p. 188) aponta a estagnação do modelo, tanto dos canais abertos como os pagos, pela falta de variações de linguagem, formato e conteúdo, implicados “no pastiche, na pauta, na limitação do enfoque, no minimalismo do conteúdo, na pobreza textual, na narração enfadonha e monocórdia, na ausência de novidades”.

O desafio hoje para o ensino do jornalismo audiovisual perpassa questões inerentes à atividade jornalística como a escolha das pautas, que englobam critérios de noticiabilidade e valores-notícia (WOLF, 2012; PENA, 2008) para a transmissão de uma informação contextualizada e de interesse público. Como desenvolver competências e habilidades nos alunos para que construam narrativas audiovisuais qualificadas que dialoguem com os diferentes tipos de público em uma gama de plataformas digitais que vão além do meio televisivo?

Seja qual for o setor de atuação do jornalista audiovisual, uma grande emissora de TV, um portal de notícias ou empresa independente de produção de conteúdo, “o mercado exige profissionais preparados, mais informados, capazes de fazer correlações entre fatos, de levantar informações exclusivas. Profissionais que busquem diariamente um olhar diferenciado em termos de conteúdo e formato e que estejam dispostos a aprender sempre” (CARVALHO et. al, 2010, p. 20).

A produção audiovisual no telejornalismo apresenta certas padronizações formais e de linguagem as quais permitem que um programa de telejornal seja identificado em qualquer lugar do mundo. Normalmente é dividido em blocos, apresentado pelo(s) apresentador(es) no estúdio que conduz o noticiário: chamam as matérias – como reportagens, notas cobertas e boletins -, dialogam



com repórteres ao vivo do local do acontecimento, realizam entrevistas no estúdio, fazem interlocuções com comentaristas entre outras.

Fazer o aluno compreender a dinâmica do telejornalismo é importante para a constituição de um repertório ligado à esta área de conhecimento. A partir da identificação dos formatos, da análise crítica das possibilidades narrativas, da compreensão da rotina de produção das notícias, das competências referentes às diversas funções e técnicas que podem executar, o discente passa a ter subsídios teóricos e práticos para a prática do jornalismo audiovisual.

As transformações na produção, distribuição e consumo da informação ocasionada pelas tecnologias digitais, amplia as possibilidades do trabalho jornalístico audiovisual, que antes era restrita apenas ao meio televisivo. Hoje, na sociedade em rede (CASTELLS, 2009), representada pelo uso das tecnologias por diferentes setores da sociedade, o acesso a equipamentos profissionais de captação e edição de imagem e som, a ampla oferta de sites, plataformas digitais, aplicativos e redes sociais disponibilizados em desktops e principalmente nos celulares (smartphones), a variedade de modelos de negócio na área de comunicação, são fatores que permitem a exploração da produção audiovisual jornalística de diferentes maneiras. Este ecossistema digital demanda um profissional que tenha repertório aprofundado e atualizado, conhecimento de todas as etapas do processo de produção jornalística audiovisual e resiliência às constantes transformações tecnológicas, organizacionais e sociais, para otimizar recursos técnicos e propor linguagens e abordagens diferenciadas e contextualizadas.

1. Proposta curricular adaptada aos novos tempos

A graduação em Jornalismo precisa fornecer um ambiente de aprendizado em que o aluno possa desenvolver a consciência crítica dos processos de comunicação e consumo da informação, para saber construir



narrativas qualificadas que garantam o acesso às informações de interesse público e permitam as pessoas serem “livres e se autogovernem” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2001, p. 16). Para isso, atualmente o curso de jornalismo da ESPM inicia em 2020 uma nova grade curricular, em que o nome das disciplinas Produção Jornalística e Edição em TV I e II passam a se chamar Produção e Edição de Jornalismo Audiovisual I e II. Experimentamos uma realidade que perpassa tanto a preparação de um aluno para um mercado mais tradicional de produção de notícias audiovisuais como a televisão, como para outros meios e dispositivos representados pelos sites, aplicativos e redes sociais. Nesta perspectiva, a teoria do newsmaking (WOLF, 2012), que considera que as notícias são frutos de uma rotina industrial e sistemática de produção e organização do trabalho jornalístico, passa a ter que ser repensada em um sistema mais flexível. O profissional precisa saber lidar com informações em diferentes mídias e plataformas, aplicando linguagens e narrativas que dialoguem com a audiência prevista. Não que o interesse do público se sobressaia em detrimento do interesse público, uma das premissas principais da atividade jornalística, mas que exista a busca de uma interlocução entre o jornalismo e a sociedade que o torne essencial para o fortalecimento de processos democráticos e civilizatórios.

Neste sentido, a proposição de atividades que apliquem os conceitos teóricos e referências históricas do jornalismo audiovisual previamente debatidas para o desenvolvimento de projetos que demandem dos estudantes o entendimento das questões deontológicas jornalísticas aplicadas a diferentes meios e suportes por onde a notícia pode trafegar e as problemáticas que impactam a sociedade, é uma alternativa para o ensino do jornalismo audiovisual. Este processo requer reflexões e discussões sobre produção, edição e distribuição das informações para o desenvolvimento de práticas que provoquem inquietações, questionamentos e ações ampliadoras de competências críticas e criativas.



JORNALISMO



No processo de aprendizagem o aluno precisa ter as referências da produção telejornalística em termos históricos e de evolução tecnológica, as quais fornecem contexto para o jornalismo audiovisual que é produzido hoje tanto para a televisão como para outras telas digitais e interativas. Compreender o padrão do mercado do jornalismo na televisão e as rotinas de produção que abarcam esta área é de extrema relevância para que experiências criativas possam emergir deste processo. Hoje, o celular é uma ferramenta de trabalho para os jornalistas, tanto no sentido de agilizar a produção das pautas como para a própria realização de material jornalístico audiovisual. Perceber as limitações deste dispositivo digital, como a qualidade de captação e edição de imagem e som, bem como as suas potencialidades, relacionadas à instantaneidade de comunicação e pesquisa de conteúdo, interatividade com redação, fontes e audiência, são essenciais para a formação de um profissional competente e habilitado para as demandas da sociedade digital.

A compreensão da dimensão do projeto ou trabalho a ser realizado implica conhecer o público-alvo, o canal de produção e distribuição, as melhores técnicas e narrativas para competir com um ecossistema de comunicação que implica diversos atores além das empresas de comunicação, como indivíduos, empresas públicas e privadas e até governamental. Neste contexto, o jornalista que produz informações no meio audiovisual precisa ter conhecimentos básicos de linguagem audiovisual para saber captar imagens e editar vídeos conforme as necessidades e adversidades apresentadas, o que pode implicar tanto em uma produção que envolva uma equipe ou uma forma autônoma de trabalho. Hoje, o celular permite a gravação e edição de material audiovisual, que posteriormente pode ser retrabalhado em um processo de pós-produção. Também permite ter acesso às informações e vídeos de pessoas que registraram fatos onde o jornalista não conseguiu chegar a tempo para uma cobertura in loco, o que demanda novas rotinas de produção da notícia. Além disso, viabiliza a gravação em situações que não foi possível estar com um cinegrafista profissional, bem como transmissões ao vivo, o que dá agilidade à transmissão das informações.



JORNALISMO





Hoje, o aluno precisa estar preparado para saber atuar no padrão exigido pelo mercado televisivo de TV aberta e por assinatura, mas também lidar com outros espaços possíveis de atuação em sites, aplicativos e redes sociais. É o que se define como convergência midiática (JENKINS, 2009), representado por um fluxo de conteúdo que transita por diferentes meios e plataformas. Compreender que um mesmo fato precisa apresentar características estéticas e narrativas do meio que será distribuído implica na produção de diferentes conteúdos. Assim, uma pauta que foi elaborada para ser uma reportagem em um telejornal vai ter uma outra formatação para ser divulgada em um site de notícias ou numa rede social, seja no Facebook, Twitter ou Instagram, por exemplo. Segundo dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2018¹, que entrevistou 3.102 crianças e adolescentes com idades entre 9 e 17 anos em todo o território nacional, o vídeo é a segunda mídia mais acessada nos celulares, o que corresponde à 77% dos respondentes, uma atividade que só perde para o envio de mensagens instantâneas em aplicativos de mensagem (79%). Estes resultados atestam que o ato de assistir vídeos online pelo celular é uma das principais atividades das crianças e adolescentes brasileiros.

Por isso a importância de desenvolver atividades que façam o aluno pensar no potencial transmidiático (SCOLARI, 2013) das pautas: como uma notícia pode ser explorada em diferentes mídias e plataformas. Assim, parte-se da produção audiovisual jornalística mais tradicional junto a elaboração de outras propostas para outros sites e plataformas como Youtube, Facebook, bem como o Instagram, que permitem a exploração do uso dos vídeos ao vivo ou on demand. Dessa maneira, o desafio é o ensino e aprendizagem das rotinas de produção e o entendimento dos diferentes tipos de perfis jornalístico possíveis na área audiovisual, tanto em tempo real (ao vivo) como a realização de matérias gravadas e editadas, com o intuito de trazer uma compreensão crítica da atuação midiática na intersecção de meios e plataformas tradicionais com os digitais.

¹ Disponível em: <<https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>>.



JORNALISMO



REFERÊNCIAS

CARVALHO, ALEANDRE et. Al. **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2009.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. Porto, Portugal: Porto Editora, 2001.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempos de mudanças estruturais. **Intexto**, v. 1, n. 24, 2011.

SCOLARI, Carlos. **Narrativas transmedia**: cuando todos los medios cuentan. Madrid: Deusto, 2013.

VILLELA, Regina. **Profissão: jornalista de TV**, telejornalismo aplicado na era digital. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.



JORNALISMO

